



[para]ficções: devir, deslocação e memória.

**A experiência da Polaroid como possibilidade
de uma contínua re-iniciação do mundo.**

Joana Alves Ferreira | CEAACP/FCT/UCoimbra

“[...] History decays into images, not into stories [...].”

Benjamin | 1999 [1982]: 476 [N11, 4]

“Diante de uma imagem - por muito recente ou contemporânea que seja -, também o passado nunca cessa de se reconfigurar, já que esta imagem também só se torna pensável numa construção da memória, senão mesmo do assombro. Diante de uma imagem, afinal, temos de reconhecer humildemente o seguinte: é provável que sobreviva à nossa existência, diante dela somos nós o elemento frágil, passageiro, e diante de nós é ela o elemento do **futuro**, o elemento da duração. A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro do que o ente que a olha.”

Didi-Huberman | (2017 [2000]): 10

[parafictions | parafacts]: “Fiction or fictiveness has emerged as an important category in recent art. But, like a paramedic as opposed to a medical doctor, a parafiction is related to but not quite a member of the category of fiction as established in literary and dramatic art. It remains a bit outside. It does not perform its procedures in the hygienic clinics of literature, but has one foot in the field of the real. Unlike historical fiction’s fact-based but imagined worlds, in parafiction real and/or imaginary personages and stories **intersect with the world as it is being lived**. Post-simulacral, parafictional strategies are oriented less toward the disappearance of the real than toward the pragmatics of trust. Simply put, with various degrees of success, for various durations, and for various purposes, these fictions are experienced as fact. [...] For despite their many precedents, parafictions interest me because they are so powerfully and uniquely appropriate to our historical moment - which is to say, powerfully and uniquely troubling.”

Lambert-Beatty | 2009: 54; 58

“[...] o registo arqueológico é um modo de criação de vestígios para um amanhã; um amanhã qualquer. São registos que resistem à direção imposta pela situação inicial de onde partiram, na qual o amanhã se media enquanto previsão de um conjunto de resultados. São registos que, mais do que centrados nos outputs da pesquisa, se querem enquanto testemunhos da singularidade da experiência. São registos de “si para consigo” no confronto de “si” com um “outro” [...]. São vestígios ancorados no presente que, enquanto focos de resistência à direção dos projetos desse presente, **abrem as possibilidades de se fazer a memória da sua experiência.**”

Gomes | 2017: 189

“Nos gestos sem nome podem irromper forças selvagens, acontecimentos onde todos os corpos se afirmam como o avesso de um sentido. Nesse instante quase branco, a arte e o discurso podem ser um **lugar político**, isto é, ‘um lugar onde nascem e se manifestam forças, um lugar onde se forma a história, e de onde o tempo surge’ (Foucault, 2001: 1269). Estes gestos são actos de resistência: a força de um *devoir* que é sempre, enquanto resistência, um *devoir-minoritário* (Deleuze). [...] **No limite, todo o encontro é um sentido improvável.**”

Vilela | 2011: 20



Da esquerda para a direita:

“To read what was never written”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009

“Num contínuo chegar do tempo. Porque, talvez, o mundo seja a infinita infância do seu sentido”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009.

“Ver, como quem pergunta pelo invisível. No silêncio da palavra, ver é uma forma de olhar que atravessa lugares por descobrir. Assim respiram os incêndios do tempo”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009.



Da esquerda para a direita:

“Infinito descontínuo I”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009.

“Atlas: photographing photographs”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009.

“Diffused Reality: Space, memory, text”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009.

[Ensaia]. E, ensaiando, escrever para que continue. Mesmo se, para tal, como escreve Maria Gabriela Llansol, “tenha de mudar de forma, mesmo que o faça atravessar territórios desconhecidos, mesmo que o leve a contemplar paisagens que lhe são difíceis de nomear” (Llansol 1994: 116).

[Ensaiair o acontecer]. A experiência da Polaroid como exercício de deslocação da narrativa da lisura do fio do tempo.

A experiência com a Polaroid funda-se na dobra exata entre testemunho, tempo e história. Nessa experiência, procura-se aprender a criar a possibilidade de uma outra experiência de linguagem como forma de diálogo inacabado. Nessa possibilidade de deslocamento, é uma linguagem que se constitui, continuamente, em devir. Isto é, no avesso da posse pela representação (sequencial e linear) das coordenadas de um conjunto de factos. Nesse movimento, a experiência da Polaroid não veicula uma semelhança. Veicula, apenas, um contacto com a dinâmica do acontecer. Nessa vibração, as Polaroids emergem como focos de resistência a uma qualquer gramática que, pré-definindo os gestos, confirme as figuras reconhecíveis de domesticação do real (Vilela 2010a). Enquanto focos de resistência, as Polaroids “entregam-se-nos como o inverosímil e improvável acontecer de um acontecimento que não cessa de acontecer” (Prado Coelho 2010[1988]: 679).

[Ensaiai o olhar]: No silêncio da palavra, ver é uma forma de olhar que atravessa lugares por descobrir. Paisagens de imaginação, onde o tempo e o espaço se dispersam e confundem. Onde o tempo? Quando o espaço?

[Ensaiai a montagem] de formas nascentes de mundo - das coisas que jamais estiveram unidas e que não pareciam dispostas a estar - é a arte de aprender a esboçar corpos em formação. No encontro com provisório, é a aprendizagem da atenção e do cuidado com um sentido improvável. Nessa atenção, a experiência é uma arte de fazer perigar os corpos. A arte de aprender as formas no deslocamento da sombra.

[Ensaiai o encontro com o diverso]. Nesse encontro, onde se resguardam todas as possibilidades de começo, ensaiar uma forma-outra de olhar o acontecimento como um contínuo chegar do tempo.

[Ensaiair um pensamento que se traça pela compreensão]

Perante a estranheza infinita do mundo, compreender que a memória não se possui. A memória é em movimento. É vibração. Nesse estremecimento, a memória afigura-se, a cada instante, sob a forma de pensamento possível do acontecimento. Um pensamento que se traça pela compreensão e que, pela compreensão enquanto criação de sentido, se constitui como prática inventiva de memória do acontecimento, transformando-o num começo (Arendt 2001: 247). Na perspectiva da possibilidade de começo - do improvável e inesperadamente novo -, a compreensão possibilita resgatar a memória da sujeição ao tempo linear como cronologia dos acontecimentos. Na possibilidade intrínseca a cada começo, encontra-se a possibilidade de uma experiência ética como prática política de liberdade e de criação, isto é, “de um lugar onde nascem e se manifestam forças, um lugar onde se forma a história, e de onde o tempo surge” (Vilela 2011: 20).

Compreender essa possibilidade como promessa de vida no contínuo presente de cada um de nós, é tocar e deixarmo-nos ser tocados pelo acontecimento que se indicia a cada começo. No toque como movimento de compreensão, a ética de um pensamento que parte de um contínuo presente. Nessa possibilidade de re-iniciação do mundo, ir ao encontro da infância entre as ruínas como forma frágil de amar (Vilela 2010b).



“Infinito descontínuo II. Da atenção e do aprender no limiar de um lugar possível”. Exercício de montagem sobre Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, 2009). © Joana Alves-Ferreira, 2017.



"Where is the Nymph?" Exercício de montagem sobre Polaroid original.
Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, 2009).

© Joana Alves-Ferreira, 2015.



“[Des]montar: a arte de citar sem aspas.” Exercício de montagem sobre Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, 2009).

© Joana Alves-Ferreira, 2017.

imagination





“Da Infância entre Ruínas: Aprender as formas no contínuo deslocamento da sombra como forma frágil de amar”. Exercício de montagem sobre Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, 2009). © Joana Alves-Ferreira, 2017



“Da Infância entre Ruínas. Como um pulsar do coração ”. Exercício de montagem sobre Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, 2009). © Joana Alves-Ferreira, 2017.

Bibliografia

- ALVES-FERREIRA, Joana (2019a). Parafictions: a Polaroid archaeology. In Lesley McFadyen and Dan Hicks (eds.) *Archaeology and Photography: Time, Objectivity and Archive*. London/New York: Bloomsbury Visual Arts, pp. 96-106.
- ALVES-FERREIRA, Joana (2019b). Vozes de Silêncio. O que resta de Castelo Velho? Topografias de poeira introduzíveis [online]. In Susana Soares Lopes (coord.) *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: Revisitar um Recinto Pré-Histórico do Alto Douro Português*. *digitAR*, Extra Número 1: 111-148. [Disponível em:] <https://impactum-journals.uc.pt/digital/article/view/6751>
- ALVES-FERREIRA, Joana (2017). The art of endangering bodies. A first movement on 'how to read what was never written'. In A. Vale, J. Alves-Ferreira and I. Garcia Rovira (eds.) *Rethinking Comparison in Archaeology*. Newcastle: Cambridge Scholars, pp. 13-39.
- ALVES-FERREIRA, Joana (2013). Instantes da Espera. A experiência da Polaroid enquanto experiência de expectativa [online]. *Al-Madan Online*, II.ª Série, nº 18, Tomo I: 11-17 [Disponível em:] https://issuu.com/almadan/docs/maqueta18_1_online
- ARENDT, Hannah (2001). *Compreensão e Política e outros ensaios - 1930-1954*. Seleção e tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- BARRENTO, João (2005). *Ler o que não foi escrito. Conversa inacabada entre Walter Benjamin e Paul Celan*. Lisboa: Edições Cotovia.
- BENJAMIN, Walter (1999 [1982]). *The Arcades Project* [Das Passagen - Werk, 1927-1940]. Trans. by Howard Eiland & Kevin McLaughlin and prepared on the basis of the German volume edited by Rolf Tiedeman. Cambridge, Massachusetts / London, England: Belknap Press of Harvard University Press.
- DIDI-HUBERMAN, Georges (2017 [2000]). *Diante do Tempo. História da Arte e Anacronismo das Imagens*. Lisboa: Orfeu Negro.
- GOMES, Sérgio Alexandre (2017). Vestígios para um amanhã. *Biblos - Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, nº 3, 3.ª Série: 169-192. https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-3_8
- LAMBERT-BEATTY, C. (2009). Make-Believe: Parafiction and Plausibility. *October* 129: 51-84.
- LLANSOL, Maria Gabriela (1994). *Lisboaleipzig 1: O encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Edições Rolim.
- PRADO COELHO, Eduardo (2010[1988]). *A Noite do Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.
- VILELA, Eugénia (2010a). *Silêncios Tangíveis. Corpo, Resistência e Testemunho nos Espaços Contemporâneos de Abandono*. Porto: Edições Afrontamento.
- VILELA, Eugénia (2010b). A infância entre as ruínas. In, Pedro Angelo Pagni e Rodrigo Pelloso Gelamo (org.) *Experiência, Educação e Contemporaneidade*. Marília/S.Paulo: Poiesis Oficina Universitária / Cultura Acadêmica Editora.
- VILELA, Eugénia (2011). Arquipélagos de Sentido. Deslocações entre discurso, sentido e história. In E. Vilela *Arquipélagos de Sentido. Estética(s) e Artes I*. Porto: Edições Afrontamento.